

Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

A Administração na Era Neoliberal: Entre o Empreendedor de Si, o Homem Endividado e o Realismo Capitalista

Management in the Neoliberal Era: Between the Self-Entrepreneur, the Indebted Man, and Capitalist Realism

Willian Almeida dos Santos – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). willian.almeida@unifesp.br

Resumo

O neoliberalismo, mais do que um conjunto de políticas econômicas, constitui um regime de verdade que reorganiza a vida social, o trabalho e a subjetividade. A partir das obras de Michel Foucault, Maurizio Lazzarato e Mark Fisher, este artigo discute como o capitalismo neoliberal molda a forma como os indivíduos percebem a si mesmos, como se relacionam com as organizações e como administram suas vidas. O neoliberalismo converte o sujeito em empresa de si, captura-o pela lógica da dívida e limita sua capacidade de imaginar alternativas ao modelo vigente, consolidando o realismo capitalista. Argumenta-se que a Administração, ao incorporar práticas gerenciais baseadas em meritocracia, autocontrole, vigilância emocional e hipercompetitividade, torna-se aparelho central na produção dessa subjetividade neoliberal. Conclui-se que compreender esses mecanismos é essencial para propor modelos de gestão mais humanos, éticos e críticos.

Palavra-Chave: Neoliberalismo; Subjetividade; Administração; Realismo Capitalista.

Abstract

Neoliberalism, more than a set of economic policies, constitutes a regime of truth that reorganizes social life, work, and subjectivity. Drawing on the works of Michel Foucault, Maurizio Lazzarato, and Mark Fisher, this article discusses how neoliberal capitalism shapes how individuals perceive themselves, how they relate to organizations, and how they manage their lives. Neoliberalism transforms the subject into an enterprise of the self, captures them through the logic of debt, and limits their capacity to imagine alternatives to the prevailing model, consolidating capitalist realism. It is argued that management, by incorporating managerial practices based on meritocracy, self-control, emotional surveillance, and hyper-competitiveness, becomes a central apparatus in the production of this neoliberal subjectivity. It concludes that understanding these mechanisms is essential for proposing more humane, ethical, and critical management models.

Keywords: Neoliberalism; Subjectivity; Administration; Capitalist Realism.

1 Introdução

O capitalismo contemporâneo passou por um conjunto de mutações estruturais que alterou radicalmente não apenas a produção econômica, mas também a maneira como os indivíduos percebem a si mesmos e interagem com instituições sociais. Hiller destaca que a fase atual do capitalismo é caracterizada pela predominância de fluxos financeiros globais, pela incorporação da biotecnologia na produção de valor e pela descentralização das atividades geradoras de mais-valia, que deixam de ser restritas ao ambiente fabril e passam a ocupar toda a vida em sociedade (HILLER, 2018).

A ascensão do neoliberalismo, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980, consolidou uma nova racionalidade política que se apoia na desregulamentação do Estado, na expansão da iniciativa privada e na crença de que o mercado é o melhor regulador das relações sociais. Como observa Cerqueira, esse movimento resultou no enfraquecimento de sindicatos, na privatização de

Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

setores essenciais e na transferência da responsabilidade social para o indivíduo, apagando, assim, a dimensão estrutural das desigualdades econômicas (CERQUEIRA, 2008).

Nesse contexto, a Administração deixa de ser entendida apenas como conjunto de técnicas operacionais e passa a desempenhar papel central na produção de subjetividades alinhadas ao projeto neoliberal. As organizações assumem a função de moldar comportamentos, orientar expectativas e fazer com que trabalhadores internalizem discursos associados à meritocracia, ao empreendedorismo de si e à responsabilização pessoal por resultados (FOUCAULT, 2008).

2. Subjetividade neoliberal em Michel Foucault

Foucault entende o neoliberalismo como uma racionalidade que ultrapassa os limites das políticas econômicas e transforma-se em um regime de verdade capaz de moldar profundamente os modos de ser, agir e pensar na sociedade contemporânea. Trata-se de uma lógica que circula por instituições, discursos e práticas sociais, penetrando o cotidiano de forma sutil, porém decisiva, até tornar-se parte da maneira como os indivíduos se compreendem. Em vez de agir pela imposição direta ou por mecanismos tradicionais de coerção, o neoliberalismo opera por meio da produção de normas, expectativas e incentivos que fazem com que os sujeitos incorporem voluntariamente os princípios do mercado. A naturalização de ideias como eficiência, competitividade, meritocracia e autogerenciamento revela como essa racionalidade atua silenciosamente, deslocando o eixo do governo das instituições para o interior da própria subjetividade (FOUCAULT, 2008).

Nesse cenário, a lógica empresarial deixa de ser um modelo exclusivo das organizações e passa a estruturar a forma como o indivíduo conduz sua vida. O sujeito é constantemente incentivado a se ver como um empreendimento pessoal, responsável por maximizar seu desempenho, gerir suas emoções, desenvolver suas competências e elevar seu valor no mercado. Essa interiorização da lógica de empresa implica uma relação de autovigilância permanente, na qual cada escolha é avaliada em termos de risco, retorno e produtividade. Assim, o poder neoliberal não precisa se manifestar de modo repressivo: ele se realiza quando os próprios indivíduos passam a se conduzir de acordo com os imperativos econômicos, assumindo a responsabilidade por resultados que são, muitas vezes, condicionados por estruturas sociais desiguais. O sujeito neoliberal, portanto, não é apenas governado; ele se torna governante de si mesmo, administrando sua existência de acordo com uma racionalidade que privilegia desempenho e rentabilidade (FOUCAULT, 2008).

2.1 O trabalhador como capital humano

A noção de capital humano, fundamental na leitura foucaultiana sobre o neoliberalismo, não

Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

apenas altera a forma como o indivíduo se relaciona com o trabalho, mas transforma profundamente a própria constituição da subjetividade. O neoliberalismo induz o sujeito a perceber todas as suas capacidades, emoções e habilidades como investimentos que precisam ser constantemente aperfeiçoados para gerar retorno. Competências emocionais, comportamentais e cognitivas deixam de ser atributos pessoais e passam a ser tratadas como recursos estratégicos, que devem ser acumulados e valorizados no mercado. Nesse processo, a própria vida é convertida em empreendimento, e o indivíduo torna-se gestor de si mesmo, administrando cada decisão como parte de um portfólio contínuo de investimentos direcionados à maximização de seu valor econômico. O sujeito neoliberal, portanto, assume a posição simultânea de capital, empresário e trabalhador, articulando-se segundo princípios de eficiência e produtividade que orientam sua existência (FOUCAULT, 2008).

Essa racionalidade é amplamente incorporada pelas práticas administrativas contemporâneas, que passaram a adotar métricas de avaliação baseadas não apenas em resultados objetivos, mas em traços subjetivos considerados desejáveis pelas organizações. Modelos de gestão fundamentados em habilidades socioemocionais, cultura de engajamento e liderança comportamental reforçam a internalização desses valores, estimulando o trabalhador a manter uma postura permanente de autoconfiança, entusiasmo e resiliência. O desempenho deixa de ser compreendido apenas como alcance de metas mensuráveis e passa a envolver a capacidade de administrar emoções, demonstrar motivação e alinhar-se às expectativas normativas da empresa. Em contextos de alta pressão, essa exigência subjetiva intensifica a autovigilância e amplia a responsabilização individual, fazendo com que o trabalhador se sinta compelido a performar eficiência contínua mesmo diante do desgaste físico e psicológico, reafirmando o papel disciplinador da lógica neoliberal na Administração (FOUCAULT, 2008).

Outro eixo fundamental da subjetividade neoliberal é a transferência da responsabilidade social para o indivíduo. Foucault resalta que o neoliberalismo opera por meio da moralização da vida econômica: dificuldades financeiras, desemprego, adoecimento psicológico e desigualdades estruturais passam a ser interpretadas como falhas pessoais, e não como produtos de um sistema assimétrico. Essa responsabilização transforma o trabalhador em juiz e executor de si mesmo, reforçando sentimento de culpa e autocobrança contínua (FOUCAULT, 2008).

Essa lógica se revela nitidamente nas práticas de gestão das organizações. Avaliações de desempenho individual, metas personalizadas, exigência de flexibilidade extrema e programas de desenvolvimento profissional são apresentados como oportunidades, mas, na prática, ampliam a carga de responsabilidade do trabalhador, que passa a se sentir isolado diante das dificuldades e propenso a aceitar jornadas abusivas para “não ficar para trás”. (FOUCAULT, 2008).

2.2 A empresa como modelo de sociedade

Para Foucault, o neoliberalismo realiza um deslocamento fundamental ao transformar a empresa em matriz organizadora de toda a vida social. A lógica empresarial deixa de ser exclusiva do campo econômico e passa a estruturar modos de conduta, expectativas subjetivas e relações cotidianas. O sujeito é levado a interpretar sua trajetória pessoal como um conjunto de investimentos sucessivos, avaliando escolhas profissionais, afetivas e formativas sob critérios de risco, retorno e rentabilidade simbólico (FOUCAULT, 2008).

Desse modo, a empresa torna-se paradigma de racionalidade, modelo para relações familiares, para dinâmicas educacionais e até para a forma como o indivíduo administra suas emoções, seu tempo e seu corpo. Essa expansão silenciosa da governamentalidade neoliberal faz com que a vida seja convertida em gestão contínua, exigindo que cada pessoa adote postura estratégica diante de si mesma e dos outros. Nesse cenário, a Administração deixa de ser apenas técnica organizacional e passa a funcionar como tecnologia política que produz sujeitos alinhados às demandas de competitividade, flexibilidade e autogerenciamento requeridas pelo mercado contemporâneo, reforçando a internalização de práticas e discursos que naturalizam a racionalidade neoliberal no interior das organizações (FOUCAULT, 2008).

3. Maurizio Lazzarato e o homem endividado

Lazzarato amplia de maneira decisiva o debate sobre governamentalidade neoliberal ao colocar a dívida no centro dos mecanismos de poder do capitalismo contemporâneo. Para ele, o endividamento não deve ser entendido como simples condição financeira, mas como uma tecnologia sofisticada de subjetivação, capaz de penetrar profundamente na vida psíquica e moral dos indivíduos. A dívida cria uma relação assimétrica entre credor e devedor que atravessa não apenas contratos formais, mas também estruturas simbólicas, expectativas sociais e a própria forma como o sujeito se enxerga no mundo. Nesse sentido, o indivíduo não carrega somente um débito monetário: carrega também a sensação de estar permanentemente em falta, devendo esforço, disciplina e sacrifício para justificar sua própria existência econômica (LAZZARATO, 2011).

Essa captura subjetiva ocorre porque a dívida produz culpa, vigilância interna e um sentimento constante de obrigação moral. O indivíduo passa a interpretar sua condição como responsabilidade exclusiva, acreditando que deve pagar sua dívida não apenas financiando parcelas, mas demonstrando conduta exemplar, produtividade elevada e obediência às normas institucionais. Quanto mais endividado, mais compelido o sujeito se sente a trabalhar além de seus limites, naturalizando jornadas extenuantes, metas desproporcionais e ambientes de pressão contínua. A docilidade resultante desse

Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

processo fortalece práticas de hiperexploração, pois o trabalhador teme perder o salário do qual depende para manter sua “sobrevivência econômica”, sujeitando-se a condições que, em circunstâncias menos vulneráveis, rejeitaria. Assim, a dívida funciona como tecnologia de governo que age diretamente sobre o corpo e sobre a subjetividade, produzindo trabalhadores mais disciplinados e emocionalmente fragilizados (LAZZARATO, 2011).

Para Lazzarato, esse processo se intensifica porque o neoliberalismo associa consumo e identidade. Mais do que adquirir bens, o indivíduo passa a buscar reconhecimento social por meio das mercadorias que possui, como se cada objeto adquirisse valor simbólico relacionado ao status, ao estilo de vida desejado e ao pertencimento a determinados grupos. Essa busca por diferenciação por meio do consumo frequentemente ultrapassa a capacidade econômica real, levando ao endividamento como estratégia para sustentar uma imagem social compatível com as expectativas impostas pelo mercado. Nesse sentido, o consumo não é apenas prática econômica: é mecanismo de subjetivação que aprisiona o trabalhador em ciclos de dívida e dependência emocional. Ao mesmo tempo, essa vulnerabilidade reforça o poder organizacional, pois o medo de perder a renda que sustenta o consumo, e as identidades associadas a ele, reduz drasticamente a capacidade de resistência e contestação. Assim, a dívida se consolida como forma contemporânea de governamentalidade: um dispositivo silencioso, contínuo e altamente eficiente de controle e conformação do comportamento humano (LAZZARATO, 2011).

As organizações utilizam de maneira indireta a lógica da dívida ao impor sistemas de metas, meritocracias desiguais e jornadas cada vez mais extensas. O trabalhador endividado não apenas teme perder o emprego, mas sente-se moralmente obrigado a corresponder às exigências internas, acreditando que sua sobrevivência depende exclusivamente de seu esforço. Dessa maneira, a Administração reforça e se beneficia da economia da dívida, aprofundando a responsabilização individual e enfraquecendo mecanismos coletivos de resistência (LAZZARATO, 2011).

4. Realismo capitalista em Mark Fisher

Fisher apresenta uma contribuição decisiva ao discutir como o neoliberalismo não apenas organiza práticas econômicas e políticas, mas captura a própria imaginação social. Em sua formulação, o “realismo capitalista” descreve um estado cultural no qual o capitalismo não é apenas dominante, mas percebido como inevitável. A ideia de que “não há alternativa” torna-se tão profundamente enraizada que pensar em outros modelos econômicos, formas de trabalho ou arranjos sociais passa a soar irreal, inviável ou utópico. Assim, o neoliberalismo não governa apenas as instituições; ele governa o horizonte do possível, delimitando o campo de ação e restringindo a capacidade coletiva de conceber transformações estruturais. O efeito disso é um imaginário social

Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

empobrecido, no qual a repetição das mesmas práticas e valores se impõe como única via possível de organização da vida contemporânea (FISHER, 2009).

A partir dessa captura da imaginação, o realismo capitalista naturaliza precarizações e legítimas práticas de exploração como se fossem exigências incontornáveis do mercado. As organizações, inseridas nessa lógica, reproduzem discursos que justificam sobrecargas e cortes drásticos com argumentos que apelam à urgência econômica ou à competitividade global. Expressões como “o mercado exige”, “não há outro caminho” ou “quem não acompanhar, fica para trás” passam a funcionar como dispositivos retóricos que desmobilizam a crítica e transferem a responsabilidade das práticas abusivas para fatores externos, supostamente imutáveis. O trabalhador, por sua vez, internaliza essas justificativas e passa a enxergar injustiças como parte natural da dinâmica organizacional, reduzindo sua capacidade de questionamento ou reivindicação (FISHER, 2009).

No contexto do realismo capitalista, a crise deixa de ser vista como um evento extraordinário e se transforma em modo permanente de operação. Fisher mostra que instituições públicas e privadas recorrem constantemente ao discurso da crise para legitimar políticas de austeridade, reestruturações internas e intensificação do trabalho. A sensação de instabilidade contínua mina a segurança subjetiva dos trabalhadores, gerando níveis elevados de ansiedade e sensação de vulnerabilidade constante. Esse estado emocional é funcional ao neoliberalismo, pois fragiliza a capacidade de organização coletiva e reforça comportamentos de autopreservação individual, dificultando resistências estruturadas ou solidariedade laboral (FISHER, 2009).

Nesse cenário, a exaustão física e emocional que atinge grande parte da força de trabalho não é acidental, mas consequência estrutural da racionalidade neoliberal. Fisher argumenta que o cansaço crônico funciona como mecanismo de neutralização política: trabalhadores exauridos concentram suas energias em sobreviver ao próximo dia, sem tempo ou disposição para questionar o sistema que os desgasta. A fadiga torna-se, assim, componente central do realismo capitalista, pois fragiliza a capacidade crítica e transforma a sobrevivência em prioridade absoluta. Em vez de ruptura, produz-se conformidade; em vez de indignação, produz-se adaptação; e em vez de mobilização, produz-se silêncio, garantindo a reprodução contínua da lógica neoliberal (FISHER, 2009).

5. Implicações para a Administração e as organizações contemporâneas

A Administração acabou se tornando uma das principais esferas de reprodução do neoliberalismo, ao incorporar práticas, discursos e tecnologias de gestão que reforçam a subjetividade neoliberal. As organizações funcionam como microcosmos do capitalismo contemporâneo, engenhando comportamentos e expectativas que sustentam a lógica do desempenho contínuo (HILLER, 2018).

5.1 Gestão como tecnologia de poder

Práticas gerenciais como avaliações de desempenho, monitoramento contínuo, cultura da alta performance e programas de desenvolvimento comportamental constituem verdadeiros dispositivos de poder dentro das organizações.

Esses mecanismos, ao mesmo tempo em que são apresentados como instrumentos técnicos de aprimoramento profissional, operam sobre a subjetividade dos trabalhadores, orientando seus comportamentos e emoções de acordo com os interesses institucionais. A exigência de mensurar continuamente resultados, alinhar atitudes ao perfil ideal da empresa e manter padrões elevados de produtividade estimula um processo de autopolicamento, no qual o indivíduo passa a vigiar a si próprio para corresponder às expectativas organizacionais.

Desse modo, metas, feedbacks e avaliações deixam de ser ferramentas neutras e se transformam em elementos que reforçam a internalização de normas, produzindo sujeitos que assumem como responsabilidade pessoal aquilo que, muitas vezes, é imposição estrutural. A gestão neoliberal, ao modular emoções, comportamentos e formas de expressão, converte exigências organizacionais em imperativos íntimos, fazendo com que o trabalhador se sinta compelido a performar entusiasmo, resiliência e comprometimento mesmo diante de condições adversas, naturalizando a ideia de que eficácia emocional e disponibilidade total são requisitos inevitáveis para permanecer no mercado (FOUCAULT, 2008).

5.2 O trabalhador neoliberal

O trabalhador neoliberal emerge diretamente das tecnologias de gestão e dos dispositivos de poder estruturados pelo capitalismo contemporâneo. Constituído como sujeito autogerido, competitivo e permanentemente responsável por sua própria trajetória, ele internaliza a ideia de que todos os resultados de sua vida, sejam eles positivos ou negativos, são expressão direta de seu mérito pessoal. Essa racionalidade faz com que o indivíduo intérprete conquistas como prova de sua eficiência e fracassos como insuficiência individual, ignorando os condicionantes estruturais que moldam as possibilidades reais de ascensão. A meritocracia e os discursos motivacionais, amplamente difundidos nas organizações, reforçam essa visão ao prometer que esforço e dedicação seriam suficientes para alcançar qualquer objetivo.

Contudo, essa narrativa produz vulnerabilidade, pois o trabalhador passa a aceitar metas desproporcionais, jornadas exaustivas e práticas abusivas acreditando que falhar seria resultado de incapacidade própria, e não de exigências injustas ou de desigualdades sistêmicas. Assim, a responsabilização total pelo desempenho cria sujeitos profundamente autoculpabilizados,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

predispostos a naturalizar sofrimento e desgaste emocional como parte inevitável da vida laboral (LAZZARATO, 2011).

5.3 O gestor neoliberal

O gestor neoliberal também é moldado por essa racionalidade. Ele opera sob pressão por resultados financeiros e, conseqüentemente, transmite essa pressão às equipes. Sua identidade profissional é constituída pela crença de que práticas duras são necessárias para manter-se competitivo. Assim, gestores se tornam agentes difusores de estresse, reproduzindo o realismo capitalista como parte natural da gestão (FISHER, 2009).

5.4 Organizações como espaços de precarização normalizada

O gestor neoliberal também é produto direto da racionalidade que estrutura o capitalismo contemporâneo. Sua atuação é fortemente condicionada pela pressão incessante por resultados financeiros, metas crescentes e indicadores de desempenho que se renovam continuamente, criando um ambiente em que a urgência se torna permanente. Essa lógica o leva a internalizar a crença de que rigor, velocidade, austeridade e práticas de alto impacto emocional são indispensáveis para garantir competitividade (FISHER, 2009).

Assim, o gestor passa a compreender sua função não apenas como coordenador de processos, mas como mantenedor de um clima de produtividade extrema, no qual a cobrança constante é interpretada como sinal de eficiência e profissionalismo. A partir dessa internalização, ele tende a reproduzir a sobrecarga que sofre, transmitindo-a às equipes como se fosse exigência natural do mercado, e não construção ideológica (FISHER, 2009).

Dessa forma, gestores tornam-se agentes disseminadores de estresse, transformando insegurança, pressão e desgaste em elementos cotidianos da gestão. O realismo capitalista, descrito por Fisher, manifesta-se nesse processo ao normalizar tais práticas, fazendo parecer que não existe alternativa possível que não seja operar no limite, reforçando a ideia de que a dureza é condição inevitável para sobreviver e prosperar no ambiente corporativo (FISHER, 2009).

6. Considerações finais

A discussão desenvolvida ao longo deste artigo demonstra que o neoliberalismo deve ser compreendido como um sistema abrangente de produção de realidade, e não apenas como um conjunto de práticas econômicas. O panorama histórico do capitalismo contemporâneo, marcado pela

Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

financeirização, pela centralidade da tecnologia e pela ampliação da desigualdade, evidencia que a transição neoliberal resultou de um longo processo político e social que reduziu a atuação estatal, enfraqueceu mecanismos de proteção coletiva e reforçou a lógica do mercado como regulador das relações humanas. Esse movimento criou as condições para o surgimento de um modelo de sociedade no qual a competição, a individualização e a busca incessante por resultados moldam identidades e modos de vida.

As contribuições teóricas analisadas reforçam essa compreensão. Foucault evidencia que o neoliberalismo atua na formação de subjetividades ao promover um ideal de indivíduo empreendedor, responsável por gerenciar suas capacidades e identificar oportunidades em todos os aspectos da existência. Lazzarato aprofunda essa perspectiva ao demonstrar como a dívida, econômica e moral, se converte em instrumento de controle e de docilização, criando sujeitos que se sentem permanentemente obrigados a corresponder às exigências impostas pelo mercado. Fisher, por sua vez, explicita como essa racionalidade se sustenta pela limitação da imaginação coletiva: sob o realismo capitalista, alternativas ao sistema parecem inconcebíveis, e a precarização cotidiana passa a ser vista como algo inevitável.

Nesse cenário, a Administração assume papel central. Longe de ser apenas um campo técnico-operacional, ela se torna um dos principais vetores de disseminação e consolidação dessa racionalidade. Práticas gerenciais baseadas em metas elevadas, monitoramento constante, responsabilização individual e cultura da alta performance reproduzem e intensificam o modelo neoliberal dentro das organizações. Trabalhadores e gestores, expostos continuamente a essas exigências, acabam incorporando como naturais comportamentos que geram desgaste emocional, competição extrema e culpabilização diante de qualquer queda de desempenho.

Repensar a Administração, portanto, implica revisar criticamente sua participação na manutenção desse sistema. É necessário construir modelos de gestão que reconheçam os limites humanos, recuperem a dimensão coletiva do trabalho e valorizem práticas que promovam bem-estar, saúde e cooperação. Só assim será possível imaginar organizações que não se restrinjam à lógica da produtividade a qualquer custo, mas que contribuam para formas de vida mais justas, sustentáveis e dignas. Compreender o funcionamento da subjetividade neoliberal e seus efeitos sobre trabalhadores e instituições é passo essencial para transformar as práticas gerenciais e criar alternativas mais éticas para o futuro da gestão.

Referências

CERQUEIRA, H. **História do neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 2008.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 03/12/2025 | aceito: 05/12/2025 | publicação: 08/12/2025

CNC – Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC)**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.cnc.org.br>. Acesso em: 05 dez. 2025.

FISHER, M. **Capitalist Realism: Is There No Alternative?** London: Zero Books, 2009.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978–1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HILLER, H. **Sociology of Contemporary Capitalism**. New York: Routledge, 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores de desemprego no Brasil**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 dez. 2025.

LAZZARATO, M. **A fabricação do homem endividado: ensaio sobre a condição neoliberal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.